

# Manifesto Teológico

## Misericórdia como teologia da esperança

*"A teologia da misericórdia é uma teologia da esperança. Sem dúvida, é hora da Igreja redescobrir o significado da missão dessa forma."* (Papa Francisco)

### Introdução

Em um mundo atravessado por múltiplas crises – sociais, políticas, ecológicas, espirituais, até guerras – a misericórdia se impõe não como uma fuga emocional, mas como uma força transformadora. É a resposta de Deus à miséria da humanidade, e o chamado dirigido a cada pessoa para humanizar seu olhar, sua ação, seu pensamento. É a única maneira possível de uma convivência pacífica.

Este manifesto pretende lançar as bases de uma teologia da misericórdia como teologia **da esperança**, enfatizando seu significado **antropológico, inter-religioso e doutrinário**.

## I. Uma Antropologia dos Olhos Abertos: A Misericórdia como Espiritualidade do Real

Ao longo dos séculos, a misericórdia — do latim *miser* (miséria) e *cor* (coração) — mantém seu caráter subversivo. Isso incomoda, une as pessoas, transforma. Ao nos fazer "próximos" dos miseráveis, isso abre nossos olhos para a realidade como ela é, sem maquiagem ou mito. A misericórdia é, portanto, uma teologia de olhos abertos.

Ela une justiça (*tzedeqa, din*) e amor (*rahamim, hesed*) em uma dinâmica que envolve e transfigura pessoas, relacionamentos e comunidades. Restaura a igualdade de dignidade, expande a fraternidade, unifica a humanidade.

**Mas isso pressupõe uma luta interna:** ignorar o sofrimento dos outros é fácil. Vê-lo realmente dói. Até que o rosto sofredor se torne uma presença viva para nós. É essa lucidez benevolente, essa recusa em desviar o olhar, que é a base da verdadeira espiritualidade. Por outro lado, a banalização é uma doença mortal das religiões.

**"Eu estava com fome e sede... Você me viu e veio me ajudar."** (cf. Mt 25)

A misericórdia sela um pacto com a Realidade. Isso torna a fé, religiões e instituições críveis. Ela não apela à piedade passiva, mas à solidariedade ativa e estruturada diante de **três formas de miséria**:

- **material** (privação de direitos e meios de subsistência),
- **moralidade** (perda de significado, solidão, errância),
- **espiritual** (corte do vínculo com o transcendente).

Educa por meio do testemunho e previne excessos legalistas. Pois sem misericórdia, a justiça se torna desumana: *summum jus, summa injuria*. O reconhecimento da dignidade é o primeiro direito, e a misericórdia é a chave.

Por meio de uma **abordagem fenomenológica e hermenêutica**, uma teologia ancorada na realidade pode emergir, desde que pensemos na tensão entre justiça e misericórdia — não para opor-nos, mas para torná-las diálogo.

## II. Inspiração inter-religiosa: rumo a uma koiné de justiça e misericórdia

A dialética entre justiça e misericórdia não é exclusiva do cristianismo. Ela atravessa as **tradições e sabedorias religiosas do mundo**. Em suas próprias línguas, culturas e sistemas de interpretação, todos eles implementam esse diálogo frutífero, a serviço da dignidade humana e da fraternidade.

As tradições hebraica (*hesed, rahamim*), grega (*eleos, oiktirmos*) e latina (*misericordia*) expressam uma convergência espiritual. A Vulgata cunhou um termo abrangente, uma síntese de atributos divinos.

O diálogo das tradições mundiais sobre justiça e misericórdia está hoje se tornando um **critério de discernimento** diante da história e suas ambiguidades (cf. Discurso do Papa Francisco em Nápoles, 2019; em Palermo, 2024).

O diálogo inter-religioso, portanto, deve trabalhar com uma **linguagem polifônica**, composta por suas próprias, mas não antagônicas, para fundar um nova *koiné*: um espaço comum de palavra e ação em favor da fraternidade humana. Textos fundadores como o **Documento de Abu Dhabi** e as reflexões do **Dicastério para o Diálogo Inter-religioso** apontam o caminho para a convergência a serviço da paz.

## III. Uma Reformulação da Teologia a partir do Fundamento da Misericórdia

*"A misericórdia não é apenas uma atitude pastoral, mas a própria substância do Evangelho de Jesus."* (Papa Francisco, Carta à Universidade de Buenos Aires, 2015)

A misericórdia é um princípio teológico, não um mero acessório pastoral ou devocional. Ele se torna o próprio lugar onde Deus e a realidade são revelados. É por isso que uma reforma do pensamento teológico é necessária:

- um **episteme de misericórdia**, enraizado em encontros concretos,
- uma teologia **de feridas, de vulnerabilidade**, onde o outro se torna um chamado e um lugar de revelação,
- um pensamento **relacional, onde Deus é diálogo, hospitalidade, presente**.

Essa teologia é chamada a viver nas fronteiras: entre fé e culturas, entre o Evangelho e as necessidades do povo, entre a esperança e os conflitos vividos. Implica um aprendizado constante da humanidade, em uma dinâmica de aprendizado, *escuta e discernimento* ao longo da vida.

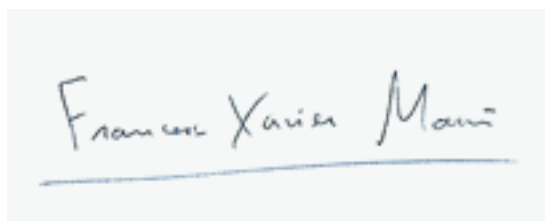
Exige uma **pedagogia de se tornar próximo**, uma igreja de tenda aberta aos quatro ventos, capaz de acompanhar os mais frágeis e permitir que eles evangelizem.

### **Conclusão: um chamado para a missão**

Assim, a misericórdia torna-se o **horizonte hermenêutico, o critério da realidade e o coração pulsante de toda teologia cristã**.

*"Devemos buscar juntos como ser uma Igreja missionária, uma Igreja que constrói pontes, que dialoga, sempre abertos a receber, como este lugar, de braços abertos. A todos, a todos que precisam da nossa caridade, da nossa presença, do nosso diálogo e do nosso amor."* (Papa Leão XIV, 7 de maio de 2025)

É por isso que convocamos teólogos, crentes, pesquisadores, educadores, líderes religiosos, a reconhecerem e proclamarem essas evidências: sem misericórdia, não existe religião credível. Sem esperança, não existe teologia viva. Sem a missão do diálogo, não há Igreja fiel a Cristo.



Patrice Chocholski  
Presidente do Instituto  
Multireligioso da Misericórdia

**Prof. Dr. Valério G. Schaper**  
Diretor Geral  
Faculdades EST